

ARTIGOS

O REINO DA ESTUPIDEZ¹Olmar Guterres da Silveira
UERJ/UFRJ

O reino da Estupidez; o sítio onde vicejou e onde, com o auxílio de outros monstros do obscurantismo, teve a seus pés a mentalidade dos homens; a sede que elegeu para, absoluta, impedir o esclarecimento das pessoas – é Portugal, mais certamente a Universidade de Coimbra, aí pela segunda metade do século XVIII.

Pelo menos, é o que afirma o poema satírico – muito mais sátira do que poema – que com este título correu em cópias manuscritas, lidas com muito gosto, ou azedume, por toda gente que freqüentava então a velha Universidade – alunos, ou religiosos, ou lentes.

As muitas cópias de mão existem na Biblioteca da Universidade de Coimbra, na da Universidade de Lisboa e ainda em Bibliotecas Públicas, em Braga, no Porto e em Évora. Imprimiram-se edições, já no século XIX, em Paris, Lisboa e Hamburgo. Como o texto, nesses exemplares manuscritos e impressos, é mal reproduzido, pela própria condição de clandestinidade – segue-se que é muito difícil o estabelecimento de um original inteiramente confiável. Para o resumo que apresento, utilizei a edição Bobée, saída em Paris, em 1818, tal como transcrita por MÁRIO DE LIMA (Coleção de autores mineiros. Poetas, vol. I; B. Horizonte, 1922).

*

Os esforços da administração pombalina haviam já alcançado a Universidade de Coimbra, de lá tentaram retirar as manchas que enodoavam o ensino, mas não chegaram a bom resultado, pois foi maior a reação provinda de homens e idéias apegados ao passado. Estava por esta época a Universidade de Coimbra extremada em campos contrários e exatamente caracterizados: os tradicionalistas e os imbuídos

1 Texto lido em sessão do Liceu Literário Português

das idéias francesas, isto é, os renovadores. Na expressão sugestiva de TEÓFILO BRAGA (Hist. da Univ. de Coimbra, III, p. 677):

Quando o governo do Principal Mendonça estava nesta situação tensa, em que se achava o corpo docente dividido na Universidade que Deus haja e na Universidade que Deus guarde, como diziam os espectadores a frio, caiu em este microcosmo uma bólide, uma Sátira intitulada o Reino da Estupidez, que foi lida por todos avidamente, apesar de circular em cópias manuscritas.

Foi assim que apareceram, em 1784 ou 1785, as cópias de um poema satírico em versos brancos, cujos quatro cantos divulgam uma história fantástica para pôr a nu o espírito mesquinho e atrasado que a Universidade (re)adquirira sob a direção do Principal MENDONÇA.

Compõem a sátira 177 versos no Canto I; 364, no II; no Canto III, 310 versos, e 321 no Canto IV, o último. Com um total de 1172 versos, não é tão pequena a obra.

O panfleto – pois a inspiração poética não lhe permite mais alta definição – apareceu sem declaração de autoria; é verdade que uns poucos manuscritos vinham atribuídos a certo FABRÍCIO CLÁUDIO LUCRÉCIO, mas a evidência do pseudônimo provocou contra várias pessoas, assim alunos como professores. Entre outros, foi indicado como autor o brasileiro ANTÔNIO PEREIRA DE SOUSA CALDAS, o CALDINHAS – depois afirmado o grande poeta sacro. Razões não faltavam, antes a muitos sobravam, para – ao menos com o chiste da sátira – censurar a vida na Universidade. O certo, porém, é que não foi identificado o verdadeiro autor da sátira: FRANCISCO DE MELO FRANCO, mineiro de Paracatu.

Tendo estudado no Rio, no Seminário de S. Joaquim – que a lucidez política de BERNARDO DE VASCONCELOS, mais tarde, transformou no Colégio Pedro II – foi MELO FRANCO cursar Medicina em Coimbra. Amor entranhado à verdade científica pautou a conduta deste nosso patricio na Universidade, onde foi contemporâneo daquele SOUSA CALDAS – presumido autor da sátira – e de JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADAE SILVA, a quem se atribui certa forma de colaboração – esta, sim, bastante e certamente provável. É, de fato, uma pena que não se tenha podido determinar a exata medida dessa participação – e temo que não consigamos algum dia fazê-lo.

MELO FRANCO, e também o CALDINHAS, foram ambos atingidos pelo braço castigador da Inquisição: de 1777 a 1781 sofreu prisioneiro o nosso autor, recolhido ao Convento de Rilhafoles, o mesmo Auto da Fé, celebrado na Sala do Santo Ofício de Coimbra, aos 26 de agosto de 1781, pune ambos os estudantes, SOUSA CALDAS por “herege, naturalista, deísta e blásfemo” – e MELO FRANCO por “herege, naturalista, dogmático, e por negar o Sacramento do Matrimônio”.

Algumas das cópias manuscritas apresentam um Prólogo, em prosa, a perfeita definição das idéias que inspiraram a sátira; a certa altura, tendo apontado a franqueza do ensino universitário, afirma MELO FRANCO, dirigindo-se ao poema:

“Deves, pois, confessar que a reforma trouxe à Universidade as Ciências Naturais, que na verdade tiveram e têm ainda alguns mestres dignos de tal nome, mas que estes ficam tão submergidos pela materialidade dos Companheiros que fazem a maior porção, que para os distinguir é preciso ter vista bem perspicaz; tanto reina ainda aqui mesmo a Estupidez.

Adverte, enfim, que não reparem em não fazeres menção dos Senhores Teólogos, devendo ser os primeiros, porque *ex fructibus eorum cognoscetis eos* (Mat. VII, 16) ou, invertendo, *ex illis cognoscetis fructus eorum*”.

JOÃO RIBEIRO, em nota explicativa na edição que preparou integrante do volume intitulado *Satíricos portugueses*, acusa de injusta e cruel, por deslocada no tempo em relação aos fatos, a obra de MELO FRANCO; mas a narração simples e compreensível, ratificada a cada passo por informações calcadas na verdade histórica, deixa nítido o estado que lá se mantinha, de maioria contrária às novas medidas saneadoras.

*

Abre o poema uma proposição que lembra a Eneida, de Virgílio; não é Enéias o herói, mas a Estupidez – a “mole Estupidez”. E corre o poema, com uma invocação e, por fim, a narrativa: a Estupidez, banida de todos os países desenvolvidos – onde a Ciência se firmou e esclarece o pensamento humano – resolve procurar um sítio onde possa estabelecer-se, e reinar:

Não canto aquele herói pio, e valente,
que depois de ter visto a cara pátria
a cinzas reduzida, e campo vasto,
mil p'rigos contrastando um clima busca
aonde com os seus ditoso seja.
A mole Estupidez cantar pretendo,
que distante da Europa desterrada
na Lusitânia vem fundar seu reino.
(i, 1 – 8)

E, logo a seguir, a invocação:

Dita-me, ó Musa, que eu não posso tanto,
os nobres feitos, e diversos casos,

que a esta grande empresa acompanharam.
(i, 9 – 11)

A Estupidez,

um feio monstro de cruel figura,
desgrenhados cabelos, olhos vesgos,
disforme ventre, circular semblante
(i, 12 – 14)

sai do seu antro e se lamenta do estado de clausura a que se viu reduzida, ela que “em outro tempo pela Europa toda” mereceu respeito. Magoada, pensa consigo mesma:

“É possível, que sendo venerada
em outro tempo pela Europa toda,
hoje aqui viva sem domínio, ou mando,
nestas brenhas incultas desterrada?
É possível, que a Deusa, que usurpara
de Sábua o nome, e ser de Jove filha,
dos meus vastos domínios me expelisse,
e haja sobre o meu posto o seu trono!
Esta inação quero deixar um dia.
Não há de ser assim; essa tirana
há de ver uma vez o quanto posso”.
(i, 21 – 29)

Resolve lutar; rapidamente se dirige ao reino escuro
aonde mora a macilenta Inveja,
co’ a furiosa, e vingadora Raiva.
(i, 31 – 33)

Pede auxílio às irmãs; como não sejam bastantes, convocam ainda o Fanatismo, a Hipocrisia e a Superstição. E em grupo – segundo Apocalipse – vão em busca de algum lugar onde possam com segurança instalar-se:

Em forte batalhão todas armadas
os Elementos turbam: negra nuvem
de mil coriscos prenhe se encaminha
à parte, donde sopra o frio Noto.
(i, 55 – 58)

A investida dos monstros é um cataclisma! Em primeiro lugar a França: o Fanatismo procura impor ao povo as suas máximas – esforço vão: o povo o expulsa. Nenhum efeito conseguem aí os insistentes esforços da Superstição, ou da Hipocrisia. Desesperados de conquistar a França, buscam a Inglaterra – onde não obtêm guarida para a sua investida.

Minerva – a deusa tutelar – temerosa de que algum povo fraqueje ante o assédio dos monstros,

convoca em continente um grão congresso
daqueles que sustentam fortemente
o seu brilhante e majestoso trono.

(i, 104 – 106)

A fala da deusa, e a notícia dos sucessos de França e Inglaterra, inspiram forças e ardor no ânimo das nações esclarecidas. Esvai-se o projeto da Estupidez, e seus parceiros.

Em lugar oculto, nas sombras, estão reunidos os furiosos inimigos da Luz. Lamenta-se a Raiva; sugere o Fanatismo:

A vosso, e meu pesar já tendes visto
que suamos em vão; Minerva impera
nos duros peitos desta gente infame;
Deixemos pois estes gelados climas,
bem digna habitação de tais cabeças;
Daqui fuçamos para o Meio Dia,
País de toda a Europa o mais ditoso;
aqui mais resistência não teremos:
o Povo habitador deste terreno
apesar dos passados contratemplos
a meu mando viveu sempre sujeito.
Não chores, cara Irmã; o teu Império,
segundo creio, lá verás fundado.
Fugir, fugir desta inimiga terra!

(i, 160 – 173)

Surte efeito a fala do Fanatismo – e a verdade dos fatos:

Todas a uma voz prontas concordam;
da fria região logo desertam,
a sobre as asas dos ligeiros ventos
as amenas Espanhas vão buscando.

(i, 174 – 177)

*

Era alta noite, e o enregelado Inverno
já coçava a sacudir as asas,
que ao sereno gotejam frio orvalho;
dormia tudo e só nas ermas ruas
errantes cães ladrando se encontravam:

foi então que a Lisboa rica, e vasta
em segredo baixou o bando infame.
Se à soberba Madri primeiro iriam,
hesitaram, em quanto o Fanatismo
não decidiram, que no Luso Reino,
como mais certo, começar deviam.
(ii, 1 – 11)

Assim começa o Canto II: por proposta do Fanatismo, desistem da “soberba Madri”, e descem na “Lisboa rica e vasta”. Resolvem ir disfarçados a todos os lugares, para sentir o povo – tudo percorrem, figurados

já de homem, de mulher, de moço, ou velho,
de casquilho, de frade, ou de jarreta”.
(ii, 25 – 26)

Finalmente, depois de longa observação, encontram-se novamente

Em oculto lugar, que não perturbam
nem o tropel dos anafados machos,
nem das velozes rodas o ruído
e nem do povo o barulhento trato,
lugar que fica além do Claro Tejo
as vagas sentinelas se congregam.
(ii, 33 – 38)

A Raiva toma a palavra; narra o caso que viu: é o que aconteceu quando um fidalgo – petulante conquistador – agrediu um velho ao defender este a filha, vítima dos gracejos insistentes que lhe fazia. Ferido no corpo e no ânimo, foi o velho às autoridades, à espera de justiça:

Em resposta o Ministro só lhe torna:
Amigo, são Fidalgos!... Tenho feito
da minha parte o que fazer podia:
para os pequenos só as leis têm força.
(ii, 92 – 95)

Prossegue a Raiva:

Vi de noite roubar, também de dia;
uma forte quadrilha de marujos
é quem faz por ali maior faxina:
nada medo lhe põe, zombam da ronda,
que de vis sapateiros é composta,
e de outros tais, que dormitando levam,

por espadas, espetos ferrugentos.
(ii, 98 – 104)

Toca a vez de falar à Superstição, que MELO FRANCO descreve e ridiculariza nesta caricatura:

Mas fazendo primeiro mil momices,
o chão prostrada por três vezes beija;
outras tantas rosnando certas cousas,
faz sobre o coração quinhentas cruces.
Debaixo da camisa também tira
uma grande almofada, que constava
de muitas orações, muitas relíquias,
já contra mal feitiços, contra a peste,
e muitas contra a tentação da carne.
(ii, 108 – 116)

Jubilosa – mudaram os tempos! – vê que podem agora novamente instalar-se em campo fértil para o obscurantismo:

Tão outro Portugal agora vejo,
que o mesmo não parece; quem diria
que estas pobres mulheres perseguidas
do Dragão infernal, em pouco tempo,
haviam de encontrar pelos conventos
pronto socorro a seus cruéis tormentos?
Mal haja esse Judeu, esse tirano,
o Paulo de Carvalho, homem ferino,
que às tristes proibiu este remédio.
(ii, 122 – 130)

Prossegue a Superstição; expõe às companheiras o triste espetáculo de exorcismo, que vira praticado por um frade:

Aflitas mães com filhos entre os braços
ante os pés do Exorcista se apresentam.
Umhas lhe dizem que cruéis lombrigas
as pobres criancinhas martirizam,
outras lhe pintam os horríveis danos
que aqueles inocentes recebiam
de uma sua vizinha, geralmente
por bruxa, e feiticeira reputada.
(ii, 179 – 186)

A tudo traz remédio a benzedura do frade, que, após a terrível e esfalfante sessão, recebe presuntos, peras e bom vinho:

A sua caridade isto lhe rende,
e ser entre os seus padres respeitado.
(ii, 197 – 198)

E, concluindo a exposição, parece-lhe que deram com a escolha certa para estabelecimento do seu império:

Lisboa já não é, torno a dizer-vos,
a mesma, que há dez anos se mostrava:
é tudo devoção, tudo são terços,
romarias, novenas, via-sacras;
aqui é a nossa terra, aqui veremos
a nossa cara Irmã cobrar seu Reino.
(ii, 199 – 204)

Fala, a seguir, a Hipocrisia:

A fina Hipocrisia é quem se segue.
C'os olhos baixos, macilento rosto,
longos vestidos de cor parda, e negra
a fazer sua vênia se levanta.
(ii, 205 – 208)

O relato é duro, e condena as pompas do clero, ao lado da miséria e da fome:

Se o venerando Apóstolo das gentes
aqui aparecesse, poderia
por companheiro ter um homem destes?
(ii, 275 – 277)

E mais adiante:

Santa Religião, tempos ditosos!
Ou tu não és a mesma, ou teus Ministros
de pastores o nome não merecem.
(ii, 283 – 285)

Tem a palavra o Fanatismo, que exercia a presidência da reunião. Resume as informações trazidas pelas companheiras e, finalmente, escolhe o local onde se estabelecerão – Coimbra, e não Lisboa. Reproduzo inteira a fala do Fanatismo:

A vossa exposição (assim começa)
com prazer escutei; tudo promete
um êxito feliz à nossa empresa.
Aquele furioso e ardente zelo
que em Paris fez correr rios de sangue

na celebrada noite dos Franceses,
aquele matador, e fero gênio,
que os duros Castelhanos animava
a regar d’Indiano sangue um dia
o México, e Peru, entre este povo
agora mesmo eu incitar podia.
Um Inglês, um gentio, um maometano,
se as leis civis o não vedassem tanto,
com a mesma presteza assassinados
aqui seriam, como a um cão se mata;
pois por alma de cão qualquer é tido
que a santa Fé de Roma não professa.
Agora, pois, só resta que assentemos
se deve ser aqui, ou em Coimbra,
a nossa cara Irmã entronizada.
Nesta Corte, anos há, se tem fundado
uma cousa chamada Academia:
mas isto quanto a mim sem diferença
é um corpo sem alma, que não pode
produzir ação própria, ou um fantasma,
que em bem poucos minutos se dissipa.
O meu voto é que vamos demandando
o mesmo assento, donde foi lançada
a mansa Estupidez, injustamente.
(ii, 330 – 358)

*

Começa o Canto III pela descrição de Coimbra, e das belas paisagens do Mondego e dos montes circunjacentes: o único momento poético da peça, segundo a maioria dos críticos. No entanto, rapidamente retorna o autor à sátira:

a linda perspectiva da Cidade,
que tem tanto de bela, quanto é dentro
imunda, irregular e mal calçada.
A terra é pobre, é falta de comércio,
o povo habitador é gente infame,
avarenta, sem fé, sem probidade,
inimiga cruel dos Estudantes,
mas amiga das suas pobres bolsas.
(iii, 16 – 23)

Corre em Coimbra a notícia de que a Estupidez se aproxima, para retomar seus domínios: é o assunto do dia. Há, em especial pelos conventos, muita alegria e esperança. Na Universidade, o principal Mendonça – “o grande Chefe” – convoca o claustro universal, para votação das medidas que se devam adotar. Reitor, lentes e

doutores estão sentados, e cada um dará seu parecer. Inaugura a série o lente primaz de Teologia. O voto deste lente é favorável ao domínio da Estupidez; e MELO FRANCO lhe empresta como argumento a antigüidade e a desnecessidade de novos estudos. Toda a renovação que sofrera a Universidade – diz o lente – constituiu um esbulho:

Oculto vos não é a violência
com que foi desta posse desbulhada.
(iii, 72 – 73)

Prossigue o orador, negando o valor dos estudos e novos métodos: a tranquilidade da vida prescinde da ciência.

Há cousa mais cruel, mais desumana,
mais contrária à razão, que ver os médicos
um cadáver humano espatifando,
um corpo, que habitou o Espírito Santo?
Nunca tal praticastes, ó bom Lopes,
quando pelo Natal em um carneiro
o bofe, o coração, as tripas todas
a teus hábeis discípulos mostravas.
(iii, 108 – 115)

Termina por sugerir que seja a Estupidez recebida com júbilo, para que “o que foi sempre seu em paz governe.” A totalidade dos becas, e dos frades, seguiu o parecer pronunciado; quanto à outra porção do alto conselho, os chamados lentes de capa e espada, igualmente muitos votaram da mesma forma.

Cabe a vez de falar a TIRCEU, nome que disfarça o Dr. MONTEIRO DA ROCHA, lente primaz de Matemática – a grande figura que MELO FRANCO exalta na sátira. Este Dr. JOSÉ MONTEIRO DA ROCHA foi educado pelos jesuítas no Rio de Janeiro; mais tarde, já reconhecido homem de valor, recebeu – ao tempo de POMBAL – a incumbência de colaborar na reforma da Universidade. Diz JOÃO RIBEIRO que o MONTEIRO DA ROCHA foi mestre, em Lisboa, do príncipe D. PEDRO (o nosso futuro Imperador PEDRO I). Há dele manuscritos inéditos, obras de notável valor no campo da Matemática e da Astronomia.

O voto de TIRCEU é lapidar: aponta o grande mérito da reforma pombalina:

Trazei, sábios ilustres, à memória
aquele tempo em que contentes vistes
entrar nesta cidade triunfante
o grande invicto, o imortal Carvalho.
(iii, 152 – 155)

E, mais adiante:

Vistes ao grão marquês, qual sol brilhante,
da escura noite dissipando as trevas,
a frouxa Estupidez lançar ao longe
e erigir à ciência novo trono.

(iii, 161 – 164)

TIRCEU verbera aquela gente toda, que aparentara alegria ante as reformas de POMBAL – fingida alegria, pois no íntimo o repudiava. Reconhece o orador que perderá na eleição daquele conselho, mas:

Se algum de vós, ilustres companheiros,
comigo pensa, sem temor exponha,
apesar da torrente, os seus discursos.
As almas varonis nunca temeram,
ainda à vista dos maiores p'rigos,
pela glória da pátria, e da verdade,
expor a vida, derramar seu sangue...

(iii, 202 – 208)

Emocionara-se TIRCEU até às lágrimas; e o autor o justifica:

Os homens grandes, os varões preclaros
também sabem chorar, quando a ternura
a bem da humanidade os estimula.

(iii, 212 – 214)

Contra ele, os adversários: rancorosos, disfarçam e fingem troçar do orador. O Reitor, indeciso, sem saber como procederia, perde o sono; agitado, aflito, percebe que nos Colégios e nos dois Conventos fartas comilanças e copiosa bebida prelibavam a vitória, contada como certa, da maioria favorável à Estupidez. Patrício – o camareiro – recomenda-lhe que coma, e durma: tudo terá boa solução.

Come algo o Reitor, e procura o leito.

Neste ponto, imagina MELO FRANCO um estratagema deveras curioso, e bem formado. As Fúrias – companheiras da Estupidez – que tinham estado no Claustro geral e de tudo tinham conhecimento, dirigem-se sorratamente à caverna onde vive Morfeu, o deus do sono:

Ao sombrio lugar, onde descansa
o lânguido Morfeu, ligeiras voam

(iii, 259 – 260)

Querem, sem que o perceba o deus, conseguir as mimosas florinhas que lhe servem de travesseiro. É empresa arriscada, buscam-nas e sentem já os efeitos do

sono, mas rapidamente obtêm umas poucas daquelas soníferas florinhas – e se dirigem apressadamente ao quarto do Reitor:

E de improviso ao belo quarto chegam,
aonde ainda perplexo o Presidente
com os olhos no teto vigiava.
Mal das flores se espalha o grato cheiro,
boceja, estende os braços, adormece.
(iii, 274 – 278)

Aqui, o requinte da fábula que imaginou MELO FRANCO: o Fanatismo, na forma de um pequeno rapaz – a caricatura de um anjo – aparece, voejando em torno do leito; subliminarmente, diz o que deva ser feito, e inspira ao Reitor os atos que cumpre realizar. E some; some tranqüilo, pois neste ponto dos fatos já nada teme:

Nem Minerva sutil, e poderosa,
aqui já lhe fazia a menor guerra.
Deixou por uma vez os portugueses,
como gente rebelde e refratária,
com a sua ignorância, e prejuízos,
docemente abraçados.
(iii, 294 – 299)

Acorda o Reitor, e toma por decisão o que em sonho lhe foi ditado:

Da cama salta, e a toda a pressa manda
que venha o Secretário, e os Escreventes.
Um comprido edital se lavra logo;
que as ordens da visão continha todas,
pelas mesmas palavras, com que a ouvira.
O douto Secretário, que em Aveiro
alçou já vara branca, o **subscripsi**
põe no fim do papel, e o Presidente
por extenso se assina em letra grande.
(iii, 302 – 310)

Este Secretário era GASPAR HONORATO DA MOTA E SILVA; dele faz troça MELO FRANCO, a propósito de ter alterado a fórmula consagrada de fechamento do texto – **subscripsi**. No entanto, TEÓFILO BRAGA refere fato que envolveu o principal MENDONÇA, o Dr. JOSÉ MONTEIRO DA ROCHA e o Secretário; pelos correspondentes documentos, reproduzidos na *Hist. da Univ. de Coimbra*, a figura do Secretário GASPAR DA MOTA E SILVA adquire contornos de alta firmeza moral e exaço, em que pese ao errinho de Latim.

*

Tem início o canto IV. Afixado o edital, grande é o reboliço. Todos querem lê-lo; e quem dele recebeu notícia faz questão de pessoalmente confirmá-la. MELO FRANCO faz desfilar pelos versos do Canto IV uma legião de interesseiros, indolentes, desonestos, e aí aparecem os estudantes:

Deixam os Estudantes nos bilhares
a partida no meio; e, perturbados,
das capas lançam mão, como sucede;
mas o dono da casa, que o barato
não dá por bem parado, clama e grita:
Parceirinhos, pagar!; nada me importa
que venha a Estupidez, ou que não venha.
(iv, 9 – 15)

Lá vergasta ainda os estudantes:

Outros, no Sete-é-ponto extasiados,
no Wisth, no Marimba, e mais na Banca,
os dados com as cartas deitam fora.
(iv, 18 – 20);

Poucos escapariam à sua fúria:

Esta gente revolta, e mal criada,
tão soberba, e ociosa, que entre tantos
apenas se acham quando muito doze,
que o nome de Estudantes bem mereçam.
(iv, 30 – 33)

Enfim, a ansiedade é geral: todos aguardam a chegada da Estupidez vitoriosa. À sua vinda, em cortejo magnífico, pratica-se pomposo ritual de vassalagem: beija-mão e discursos. Finalmente, tem a palavra a nova deusa, que assim encerra sua extensa oração inflamada, e também o poema:

Em paz gozai (a deusa assim profere)
da minha proteção, do meu amparo.
Eu gostosa vos lanço a minha bênção;
continuai, como sois, a ser bons filhos,
que a mesma, que hoje sou, hei de ser sempre.
(iv, 317 – 321)

*

Este é o Reino da Estupidez, do brasileiro FRANCISCO DE MELO FRANCO, que o compôs – segundo consta, em quinze dias – e o divulgou, com pseudônimo. Alinha, inegavelmente, com as Cartas Chilenas, de GONZAGA; o Desertor

das Letras, de SILVA ALVARENGA; o Hissope, de ANTÔNIO DINIS, e muitos outros exemplares, entre os poemas satíricos espelhados no Lutrin, de BOILEAU. Mais longe, sem dúvida, os ecos de HORÁCIO e de SÊNECA, sem contar o jogo esplêndido das alegorias mitológicas. A uma composição assim imaginada provavelmente se pegarão exageros e falsas interpretações, mas é certo que vivem porque buscam a verdade, protestam contra os vícios. Como na atividade jornalística, são peças de circunstância, de um dado momento, e por isto mesmo traduzem a corajosa sinceridade de verberar a fraqueza, a inanidade moral de certos fatos, e de certos homens. Repito as palavras de ANTÔNIO CÂNDIDO:

É justamente essa ousadia que torna o Reino da Estupidez o mais ideologicamente legível de todos os poemas herói-cômicos de todos os do tempo, embora sendo literariamente o mais fraco.

Para terminar, tenho para mim que os ouvintes – conhecessem, ou não, o poema – hão de estar dando graças por ter ele apenas quatro cantos; mais tivera, insuportável seria o meu excursão.
